

O NASCER DE UM DEPARTAMENTO*

Fred S. Keller**
University of North Carolina — Chapel Hill

THE BIRTH OF A DEPARTMENT

Alguns homens de idade, de vez em quando, tornam-se interessantes em virtude dos eventos ou das pessoas importantes que lembram. Eu sou tal espécie de homem. Gosto de falar sobre acontecimentos e celebridades do meu passado. Hoje, com sua permissão, pretendo descrever umas coisas que ocorreram aqui no Brasil há vinte e três anos.

Começarei com um sumário de alguns fatos conhecidos por toda esta audiência. No ano de 1963, eu recebi, e aceitei, um convite da Dra. Carolina Martuscelli Bori para ajudar na formação de um departamento de psicologia nesta Universidade. Pouco depois da minha decisão, Dona Carolina, junto com Rodolfo Azzi, também na Universidade de São Paulo, e Gilmour Sherman, o meu sucessor lá no ano precedente, foram aos Estados Unidos, para obter livros, comprar equipamento de laboratório, e solicitar conselho útil na criação do departamento novo.

Ao fim daquela visita, nasceu um método novo de ensinar, hoje conhecido em toda a parte como **instrução personalizada**. No ano seguinte, quando eu cheguei a São Paulo, trouxe comigo um pequeno curso programado que pôde servir como um exemplo, ou padrão, do primeiro curso planejado para a Universidade nova de Brasília. Este curso piloto era baseado no trabalho de B.F. Skinner no campo de máquinas de aprender e instrução programada, mas envolvia treinamento de laboratório tanto como estudo de textos.

Cheguei com Dona Frances em São Paulo no dia 2 de março, e fomos morar com Gil Sherman, numa casa na Vila Mariana - rua Gaspar Lourenço, 587. Esperávamos ficar lá um mês, a fim de preparar o equipamento na Cidade Universitária, e discutir o conteúdo dos cursos em Brasília. Antes disso, porém, no dia 9 de março, cinco membros de nosso grupo (Dona Carolina, Rodolfo Azzi, Gil Sherman, e o casal Keller) fizeram uma visita curta à capital, para encontrar Anísio Teixeira, então Reitor da Universidade; ser apresentado ao Darcy Ribeiro, Chefe da Casa Civil, e investigar as condições de vida na cidade e de trabalho na Universidade.

Ficamos hospedados no Hotel Nacional, sétimo andar. Fomos à Universidade, para visitar a reitoria, inspecionar o espaço provisório para nosso Departamento, passear no campus, olhar o Minhocão ("capaz de toda espécie de mi-

* Conferência apresentada durante a cerimônia de concessão do título de Professor Honoris Causa ao prof. Keller pela Universidade de Brasília, em 9/11/87.

** Professor Emeritus of Psychology, Columbia University e Adjunct Research Professor of Psychology, University of North Carolina, at Chapel Hill.

lagres"), e examinar uma das "caixinhas" previstas para estudantes. Visitamos também a Praça dos Três Poderes, o Senado, e a Câmara dos Deputados.

Infelizmente, o Anísio e o Darcy estavam no Rio, onde aconteciam coisas importantes para o futuro da Universidade, de nosso projeto, e do próprio governo. Porém, no dia anterior à nossa partida, o Almir de Castro, Vice-Reitor da Universidade, levou Dona Frances e eu de carro, fora da cidade, para jantar com Dona Berta Ribeiro, esposa do Darcy, e uns amigos. Encontramos em sua casa o Hermes de Lima, antigo primeiro-ministro, e outras figuras distintas. Ao fim da festa, Dona Berta pareceu perturbada, por causa de um telefonema recebido do marido.

No geral, gostamos muito do ambiente de nosso futuro trabalho, com pequenas exceções. Novamente na rua Gaspar Lourenço, anotei algumas impressões:

'As vistas de Brasília são empolgantes. O fulgor de sol é muito forte - tão forte que devo comprar uns óculos escuros. Os poentes são maravilhosos, com reflexos do sol nas janelas dos ministérios, das superquadras, e dos bancos (já tem muitos bancos lá). Mas, há poeira em Brasília, poeira vermelha, e os pernilongos são horríveis depois do pôr do sol. Deus nos livre deste problema; nem Frances, nem eu gostamos de pernilongos. Eles chegam como nuvens negras e silenciosas, e quando você percebe é tarde demais".

16 de março - Tivemos uma boa tarde no laboratório hoje. Mário e os ajudantes trabalharam bem com o equipamento, e o grupo de planejamento trabalhou todo o dia resumindo as primeiras coisas a serem realizadas em Brasília. Nós definimos nossos objetivos e funções, e planejamos reuniões diárias a fim de desenvolver o programa.

19 de março - Uma grande passeata no centro da cidade - **A Marcha da Família com Deus pela Liberdade**: um protesto da direita contra as ações recentes de João Goulart. Dizem que milhares vão participar. Está ameaçada uma greve de 45.000 operários.

Começamos ontem nossas reuniões. Dei uma descrição do meu minicurso em Columbia e Rodolfo tentou falar sobre os planos do curriculum aqui realizados antes da nossa chegada.

21 de março - A passeata ocorreu sem incidentes; a greve não aconteceu. Tudo está calmo hoje.

24 de março — As discussões sobre a sequência dos tópicos do primeiro curso estão terminadas. Eu preferi a ordem: condicionamento, extinção, et cetera. Eles queriam discriminação, generalização, e tempo de reação. Decidimos perguntar aos bolsistas.

Estamos despachando hoje João Cláudio para Brasília no lugar do correio, que demora 15 dias daqui para lá. Não temos tempo a perder; queremos uma resposta em cinco dias, de acordo com os planos de partida para cá.

1 de abril - Notícias ruins! Há uma grande confusão aqui em casa. Parece que os estados de Minas, Paraná, São Paulo, Goiás e Guanabara separaram-se da União, e as tropas estão preparando para combate. O ar encheu-se de música marcial, os bancos estão fechados, as pessoas estão esvaziando as lojas para provisões, e uma guerra é prometida para logo, logo.

2 de abril - A revolução está terminada! Para nós em Gaspar Lourenço, 587, era principalmente uma batalha de palavras numa língua estranha. Parece que o golpe foi triunfante, mas nosso futuro sob o novo regime não é certo.

3 de abril - Nossos amigos estão tristes, mas analisando possibilidades realísticas. Todo o grupo vai reunir-se hoje para discutir as coisas. Por enquanto, é o aniversário de Gil Sherman. Uma festa em casa hoje à noite, com muitos convidados - mais do que cinqüenta. Estava planejada pelo Gil como uma despedida de São Paulo, a qual é impossível. O obstáculo maior não é nossa posição na Universidade, mas a incerteza sobre nossa moradia. (Dona Frances e eu estávamos esperando ocupar a suite presidencial no Hotel Nacional).

4 de abril - A festa foi um grande sucesso. Todo mundo estava lá - estudantes, professores, gente do consulado americano, e amigos nossos do ano 61. Houve música, dança, comida, e bebida. Ninguém falou sobre matérias políticas. Ainda não temos informações sobre o futuro, mas dona Carolina vai telefonar no domingo.

5 de abril - Recebemos um telefonema de Dona Fanny Fix, dizendo que o Anísio fora demitido, e junto vários membros do corpo docente em Brasília; logo depois, Dona Carolina chegou com notícias melhores. Ela falou com o Carlos Augusto da UnB, sem qualquer menção de tal rumor.

7 de abril — Diz-se que o Darcy "fugiu" de Brasília num pequeno avião da Universidade; mas Dona Carolina telefonou para lá e descobriu que tudo estava bem, com aulas regulares. Carlos Augusto negou o boato. O Anísio e o Almir de Castro estão no Rio atualmente, para uma reunião educacional.

11 de abril - Muita conversa política que nós não entendemos, e não queremos entender. Estou aqui só como professor. O trabalho com o equipamento não avança. Dizem que alguns professores e alunos estão presos em Brasília.

12 de abril — **O Estado** diz que o Conselho da Fundação que dirigiu a UnB, incluindo Anísio Teixeira, foi demitido ontem. Nosso futuro não parece bom.

14 de abril - Uma reunião do grupo ontem. Carolina falou com o diretor executivo da UnB. Vamos receber os salários; nossas atividades vão começar depois da seleção do novo Ministro da Educação. Mas hoje **o Estado** diz que a UnB está fechada por um período de 90 dias - quase até o começo do próximo semestre.

Um telefonema da Universidade Católica para convidar-me a fazer uma série de conferências lá; e o Dr. Maurício Rocha e Silva me pediu para passar uma semana em Ribeirão Preto. Discuti ambos os convites com Dona Frances. Decidimos, primeiro, ir à Brasília se eu fosse convidado antes do fim do mês, assumindo uma morada confortável na cidade; segundo, ir aos Estados Unidos quando nosso tempo nesta casa estiver expirado. Não há outras opções desejáveis para nós. Vim aqui com dois propósitos: ajudar na formação de um departamento novo, e desenvolver um sistema de ensinar. Nada mais importa daqui por diante.

15 de abril - **O Estado** diz que o Zeferino Vaz é o novo Reitor da UnB. Gama e Silva ficava Ministro da Educação. O que significa isto para nós? Vamos ver. Aceitei ontem o convite da PUC para fazer só uma conferência. A data não está marcada. Depende dos acontecimentos na semana que vem.

17 de abril - Uma visita ontem da Dona Carolina. O Gil lhe diz que ele está partindo no dia 4 de maio se não estiver em Brasília com o grupo. O equipamento está quase pronto para funcionar. Temos que aguardar agora as notícias de Brasília.

18 de abril - Ontem à noite fomos jantar com os Pavan. Fora os pernilongos, foi muito agradável. O Pavan estava confiante sobre as perspectivas em Brasília. Ele pretende arranjar uma conversa logo mais com Zeferino. É muito

otimista com respeito ao futuro do grupo em Brasília, com equipamento, moradia, e tudo.

Hoje à noite ele nos telefonou. Um encontro está marcado com o Zeferino amanhã à noite, na casa dele. Não tenho muita esperança nesta reunião. Mandeí um cabograma à Arizona State, sugerindo uma chegada lá no começo de setembro.

19 de abril - Acabamos de voltar do encontro com o Zeferino, o Pavan, o Cordeiro (geneticista em Brasília), e os outros-as mulheres incluídas. O Cordeiro relatou ao Zeferino as condições na UnB atualmente. O próprio Zeferino me falou sobre o Brasil, os brasileiros, sua experiência como administrador, et cetera. Eu descrevi, de meu lado, os planos, as preparações, as necessidades, e as esperanças do nosso grupo. O resultado: a história estendeu-se mais uma vez. O Zeferino vai a Brasília terça-feira para familiarizar-se com sua equipe, soltar os salários, tirar os soldados da biblioteca, e dar à Universidade um chefe. Parece que podemos começar as aulas em agosto.

Neste ponto no meu diário, quero descer as cortinas sobre as inscrições por algum tempo. Foi um período de confusão, de desentendimentos, e comunicações ruins. Como resultado daquela visita ao Zeferino, os americanos foram submetidos a um "gelo" pelos outros, e decidiram retirar-se do projeto. Começaram os procedimentos para sair do país. Nossos colegas decidiram permanecer na USP em vez de ir à UnB.

No dia 27 de abril, eu falei na PUC sobre o curso planejado - nosso sonho de ouro - sem menção aos problemas pessoais. A audiência era muito receptiva. Dona Carolina, Rodolfo, e os bolsistas estavam lá no fundo, as lágrimas nos olhos de Carolina. João Cláudio nos trouxe para casa, onde discutimos a fonte de nosso desacordo. Antes da partida dele, Gil nos telefonou do laboratório exultante, a dizer que tudo estava resolvido - Brasília ainda era possível!

Para encurtar o caso, boas relações estabeleceram-se mais uma vez. Gil e Dona Carolina foram a Brasília juntos, no dia seguinte, para determinar as condições de vida e trabalho. Voltaram entusiasmados. Eles tinham falado com o Reitor e o Vice-Reitor (o Cordeiro), e tudo estava pronto para a chegada - os salários, o espaço para o Departamento, e a moradia no Hotel Nacional para nós, Gil, e Dona Carolina e seu filho. O transporte de nosso equipamento estava arranjado. Além disso, dois contratos tinham sido aprovados pela Universidade - os do Russell Nazzaro e do Robert Berryman. Devo explicar.

Antes da nossa partida dos Estados Unidos, tinha falado com dois antigos alunos, então colegas, sobre a possibilidade de uma visita à UnB, para aumentar o pessoal e o conteúdo do programa. Ambos estavam interessados, e tudo estava em andamento quando chegamos em São Paulo. Faltava somente aceitação oficial para trazê-los a Brasília.

Os últimos cinco dias em São Paulo encheram-se com atividades numerosas: escrevendo cartas à família, satisfazendo os requisitos oficiais do Estado de São Paulo, jantando com os amigos ou em casa ou nos restaurantes prediletos, discutindo os planos de partida com o grupo (numa reunião final na rua Gaspar Lourenço), pondo os negócios em ordem, e, finalmente, fazendo as malas para a viagem.

6 de maio - esta manhã, às 6 horas e 30 minutos, sobrecarregados de bagagem, partimos de táxi-Vasp para Congonhas. Uma vez lá, depois de pagar por excesso de peso, entramos na fila do avião. Três horas mais tarde, chegamos em Brasília. Luiz de Oliveira, nosso primeiro aluno nos encontrou, com uma pe-

rua Willys e chofer da Universidade. Luiz nos levou ao Hotel Nacional e nos deixou num quarto no nono andar. (Não era a suite presidencial!) Gil estava no mesmo andar. Então Luiz saiu de ônibus para passar o dia das mães perto de Rio Claro. Voltaria de carro com o João Cláudio de São Paulo, via Belo Horizonte, com a nossa mala. A viagem levava 17 horas.

Nos dias seguintes descansamos, passeamos, abrimos uma conta no Banco Nacional de Minas Gerais, investigamos o nosso laboratório, semi-pronto, e nos acostumamos à vida num hotel. No segundo dia lá, houve uma recepção no palácio para o Presidente Luebke da Alemanha, e o hotel estava repleto com as fardas e vestidos elegantes. Gostamos muito da cena, e vimos nosso Reitor e sua esposa em meio aos convidados de honra.

No terceiro dia, na hora do jantar, encontramos o Maurício Rocha e Silva no restaurante, ele estava preparando uma reunião internacional de farmacologistas no Brasil. Depois do jantar, ele nos apresentou aos membros de seu comitê: Heymans, da Bélgica; Cheynol, da França; Born, da Inglaterra; Rasková (uma mulher), de Praga; Aviado, dos Estados Unidos - pessoas de grande distinção no campo da farmacologia. O Maurício nos convidou a ir com o grupo à Universidade no dia seguinte.

10 de maio - Domingo. Hoje fomos com os farmacologistas à Universidade, o Maurício como nosso guia. Ele explicou ao grupo a estrutura e filosofia da UnB, e recebeu muitas críticas amigáveis dos membros do comitê. Então o grupo inteiro visitou o Minhocão e a caixinha do futuro, inspecionou os laboratórios de genética e psicologia, e comeu uma feijoada excelente no restaurante estudantil. Ao fim, o Maurício levou todo mundo de carro para visitar os maiores pontos de atração turística na cidade. O britânico, Dr. Born, queixou-se sobre o fato que o nosso líder escolheu as boas vistas. O Born queria ver também os lados piores. Um dia muito agradável.

11 de maio - Depois de uma manhã de estudo e uma tarde na UnB, fomos ao pequeno bar no andar térreo do hotel. No decurso de nosso segundo martini, o João Cláudio e o Luiz de Oliveira chegaram - aquele de Volkswagen e este de ônibus. João Cláudio diz que Bob Berryman chegará em agosto. Agora aguardamos umas notícias do casal Nazzaro.

12 de maio - Fui à Universidade hoje com o João Cláudio e o Gil. Há luz fluorescente em nossa biblioteca; alguns cubículos estão completos; e o progresso é visível em toda parte. O equipamento sai de São Paulo hoje. O Mário e a Carolina, com seu filho, virão dentro em pouco.

Vimos o Cordeiro. Ele promete dar ao João Cláudio à sua escolha, um apartamento em CM.

13 de maio - Hoje comecei a dar aulas - a minha primeira tentativa na língua portuguesa. Foi numa sala da Reitoria, e somente três pessoas estavam lá: Luiz de Oliveira, Dona Frances, e o próprio professor. Falei sobre o primeiro capítulo do texto Keller e Schoenfeld. Não houve problemas importantes. Ajudamos uns aos outros.

14 de maio - Esta manhã cedo fomos ao aeroporto para encontrar a família Azzi, junto com o Luiz Otávio e a Raquel Rodrigues, vindos de São Paulo. Depois da chegada, nós fomos com eles ao Hotel Brasília Palace para permitir-lhes instalar-se e descansar um pouco. Mais tarde, trouxemos o Rodolfo e a Raquel à Universidade.

Às quatorze horas, tive minha segunda aula na Reitoria. Mário Sassi, um

funcionário da Universidade que quer ser psicólogo, e Luiz de Oliveira estavam lá. O Rodolfo também, como ouvinte.

15 de maio-Trabalhei no quarto até meio-dia, preparando minha terceira palestra. Às quatorze, na Reitoria, falei ao Luiz de Oliveira, Luiz Otávio, Raquel, Marisa (mulher do Rodolfo), e o Gil (que fingiu atenção às outras coisas). Mário Sassi não pôde assistir.

O laboratório está quase completo. Podemos usar a biblioteca e os cubículos amanhã. Os escritórios no andar de cima estão prontos para a mobília.

O garção no bar do hotel aprendeu a trazer nossos martinis sem pedido, com amendoins: o serviço no restaurante é excelente e as refeições são boas. Cada dia gosto mais deste lugar!

16 de maio - Entregaram a mobília hoje. Cada cubículo está equipado com um fichário, uma mesa, e duas cadeiras, temos também três máquinas de escrever - Olivettis.

22 de maio - Às 15 horas, o Mário Sassi nos trouxe ao Serviço de Registro de Estrangeiros para conseguir nossas carteiras de identidade. Gastamos duas horas para impressões digitais, uma meia dúzia de questões, e três assinaturas. Não é possível imaginar mais inaptidão do pessoal. (Recebemos as carteiras um mês mais tarde.)

A prensa de brocar e o torno estão prontos para instalar na oficina, e o Gil chegou ao Hotel na hora do jantar com boas notícias: o equipamento veio de São Paulo! Depois de comer, ele e sua turma descarregaram peças quase a noite inteira.

23 de maio - Uma feijoada no **Benny's**, convidados da Raquel - comida excelente. Na volta ao Hotel para descansar, tivemos uma grande surpresa: Mário, Carolina, e Mariozinho acabavam de chegar. Logo depois, todo o grupo estava no bar, bebendo coquetéis e, mais tarde, num restaurante perto, saboreando uma pizza.

24 de maio - Dia da primeira reunião dos membros do nosso departamento novo. Discutimos o esboço do primeiro curso, preparado pelo Rodolfo a fim de que o Gil pudesse vê-lo antes da partida dele. Concordamos todos a respeito da primeira metade do curso, mas discordamos sobre a segunda.

No período entre a chegada de nossa Coordenadora e a partida dos Keller, muitas coisas aconteceram. No dia 2 de junho, Gil Sherman voltou aos Estados Unidos. Na véspera da saída, ele convidou todo mundo - professores e bolsistas — para um banquete no estaurante **João do Frango**, perto do lago. Foi um grande sucesso, com boas refeições, muitos brindes, e umas lágrimas. Houve outro bota-fora no próximo dia no aeroporto. Desde o início, o Gil tinha tido um papel importante no desenvolvimento do programa, e era muito estimado.

No dia 10 de junho, Da. Frances começou a ensinar um curso informal de conversação em inglês, a pedido dos bolsistas. No mesmo dia, eu ministrei a Aula Magna aos estudantes de Ciências Humanas na Universidade, sobre a relação da psicologia com as outras ciências. Também neste dia, foi dado ao Departamento um Jeep para uso oficial. (Três semanas mais tarde foi chamado de volta; nosso motorista principal era Marisa, uma mulher. Houve uma regra contra!)

Através do mês de junho, o Departamento tomou forma sob a liderança eficaz da Dona Carolina, e muitos avanços eram realizados. Várias traduções eram feitas pelo Rodolfo Azzi e João Cláudio; cartas eram enviadas a umas revistas psicológicas nos Estados Unidos, pedindo separatas dos contribuintes; e

todo mundo estava se preparando para a décima-sexta reunião da SBPC em Ribeirão Preto. Os dias eram cheios de trabalho: Mário na oficina e no laboratório para principiantes; Luiz de Oliveira atendendo ao viveiro; Luiz Otávio e Raquel ajudando em toda parte; a Marisa guiando nosso Jeep; João Cláudio treinando seu rato branco Brasilino, na maestria de um encadeamento de respostas para mostrar aos colegas em Ribeirão Preto; e os professores preparando suas palestras para aquela reunião.

4 de julho, meia-noite - No Hotel Presidente, Uberlândia, Minas Gerais. Hoje, às quatorze horas, numa Rural Willys e no carro de Raquel, saímos de Brasília para Ribeirão Preto. Frances e eu andamos no Skoda com Mário e Raquel até que o Rodolfo tomou o meu lugar e eu fui com a Marisa, Luiz Otávio, Luiz de Oliveira, o motorista, dois ratos brancos, duas peças de equipamento para demonstração, e muita bagagem. Devido à demora na partida da Universidade, temos que ficar aqui esta noite.

9 de julho - Ribeirão Preto. Estamos aqui nesta cidade bela há quatro dias. No Hotel Umuarama, andando diariamente de ônibus ou carro à Faculdade de Medicina para as reuniões. Quinta-feira de tarde encenamos nosso "show". Eu comecei com uma tradução do meu **Personal Course**, apresentado no último ano em Filadélfia. Em seguida o Rodolfo descreveu nossos planos para Brasília; o Mário, com ajuda de um rato, demonstrou o equipamento a ser usado pelos alunos do primeiro curso; e João Cláudio exibiu Brasilino III e a cadeia de respostas adquirida pelo animal. Rodolfo e eu completamos um ao outro muito bem, e deixamos uma clara impressão do programa. João Cláudio e Mário eram as estrelas da sessão, a Dona Carolina, como sempre, entrou nas discussões de vez em quando para clarificar as coisas. Em suma, a tarde era um sucesso; como disse o Rodolfo, agora estamos "on the map" - tornamo-nos conhecidos. Recebemos muitos cumprimentos e pedidos de informações sobre o Departamento. Os farmacologistas mostraram interesse especial, e o Frederico Graeff, um dos assistentes do Dr. Rocha e Silva, quer estudar com Berryman, quando este chegar. Tenho o sentido que meu trabalho no Brasil tem alcançado seu fim, embora muito deva ser feito no Departamento antes da realização de nosso sonho.

Ocorreram muitas coisas entre o triunfo de Ribeirão e a partida dos Keller do país. No dia dez de julho, quase todos os candangos foram a São Paulo para uma visita de uma semana antes da volta a Brasília. Paramos em Piracicaba (lugar de nascimento do Rodolfo) no Restaurante Mirante, com um nome apropriado, com uma vista do rio em baixo, e apreciamos uma peixada maravilhosa.

No decurso da estada em São Paulo, visitamos várias pessoas (antigos amigos, colegas, e alunos do ano sessenta e um) e inspecionei um projeto da UNESCO sobre instrução programada em física - um projeto mal organizado, mal supervisionado, e bastante caro, com resultados de mínimo valor.

Os últimos dias em Brasília foram apressados e confusos. Era necessário arranjar passagem para Nova Iorque; conseguir vistos de saída; encerrar a conta bancária (com ajuda de João Cláudio); preparar um artigo com Rodolfo a pedido do professor Frota-Pessoa, para **Ciência e Cultura**; construir uma prova para os membros do meu curso (noventa perguntas, verdadeiro-falso); escrever uma carta de encorajamento ao Bob Berryman; fazer uma palestra na Casa Thomas Jefferson a pedido do Adido Cultural da Embaixada Americana; falar com Rodolfo sobre o primeiro curso e, com Carolina, sobre o programa; e receber congratulações e bons votos do próprio Reitor numa visita dele ao Departamento.

Russell Nazzaro e sua esposa, Jean, com a filha Jessica, chegaram no aeroporto no dia 23 de julho. Depois de uma breve orientação, o Russell começou a instruir os bolsistas em psicologia sensorial e fisiológica; Jean, trabalhava na biblioteca, catalogando os livros psicológicos. Logo depois, ela consentiu em ensinar estatística, numa classe para principiantes. Jessica, uma criança bonita e esperta, de quatro anos, estava gostando de tudo. Conclui que a escolha do Nazzaro tinha sido bem fundada. Seu futuro no Departamento parecia ser muito bom.

A partida do Brasil no dia 31 de julho não foi simples. Descobrimos na manhã que nosso vôo VASP fora cancelado - nada antes das dezenove e trinta, tarde demais para uma conexão no Rio. João Cláudio me trouxe rapidamente ao aeroporto. Não há problema, disse outro agente, esteja aqui às 16:20. Voltamos à UnB para almoçar e gravar um disco para o grupo, pedido do Rodolfo; assinar um formulário para conseguir o meu salário final; dar gorjetas no Hotel; e mandar as malas ao aeroporto com Luiz de Oliveira.

Quando nós chegamos lá, na hora marcada descobrimos que não havia nenhum lugar no avião. Corremos de um lado para outro e achamos um vôo de Belém, partindo para Santos Dumont às dezessete e trinta - um grande alívio. Enfim, o avião chegou, evocando muitos abraços, **good-byes**, lágrimas, e beijos - uma saída comovente.

Durante a viagem, fomos informados que, por causa do peso do avião, era necessário desembarcar no Galeão em vez de Santos Dumont. Gostamos desta mudança até descobriremos que a bagagem seria descarregada em Santos Dumont. Nesta altura encontrei um carioca que residia na vizinhança do Galeão. Deixando Dona Frances para trás, andei de ônibus com ele ao Santos Dumont, retomamos a bagagem, e voltamos de táxi juntos - custou 11 contos, quando normalmente custaria dois ou três. Obtive o dinheiro da Frances enquanto o motorista me esperou.

Quando pesaram nossas malas, descobriram um excesso de peso de 23 quilos. Sob protesto, tivemos que pagar com todos os nossos cruzeiros e mais 72 dólares. Finalmente, chegando ao portão, o meu passaporte, recolhido antes pelo funcionário da alfândega, tinha desaparecido; precisou 10 minutos até que ele o descobriu. Um vez a bordo, o vôo passou sem incidentes e chegamos em Nova Iorque nas primeiras horas do dia 1 de agosto, são e salvos.

Pós-Escrito

O que aconteceu com respeito ao sistema educativo que estava planejado para a UnB? É difícil responder. Depois da sua introdução aqui na Universidade, e na Universidade de Arizona State logo depois, começou uma expansão inesperada pelos inventores. Dona Carolina tornou-se uma ponta de lança de um movimento educacional na América Latina, e o Gil e eu espalhamos as notícias nos Estados Unidos. Daí para cá, milhares de adoções da idéia ocorreram, total ou parcialmente, através do mundo civilizado, em cada nível de instrução e cada disciplina, embora geralmente por professores isolados. A burocracia da educação, apoiando há muitos anos a instrução de grupo com palestras, não tem sido muito afetada. O primeiro objetivo de uma burocracia é sobreviver. Não obstante, eu sou otimista. O sistema tradicional está desintegrando-se, pelo menos nos Estados Unidos. Talvez, no século que vem, o sonho da UnB torne-se uma realidade em toda parte. Espero que sim, e creio que sim!